

UMA CHANCE OLÍMPICA



"É PRECISO AGIR"
Michael Payne: com investimentos eficazes, dá para recuperar o atraso

ROBERTA DE ABREU LIMA

Um dos maiores especialistas do mundo em marketing esportivo, mais especificamente em Olimpíadas, o inglês Michael Payne, 52 anos, teve participação decisiva na transformação dos Jogos numa marca valiosa. Nos anos 80, Payne foi um dos responsáveis pela profissionalização do evento quando, num contexto de Guerra Fria e em meio a boicotes, se falava até na sua extinção. Por duas décadas e sete Olimpíadas, o inglês esteve à frente das decisões estratégicas do Comitê Olímpico Internacional (COI), de onde se desligou há seis anos para atuar como consultor na área. Mais recentemente, ajudou a pôr de pé a candidatura de Londres, para os Jogos de 2012, e tem sido peça-chave nos preparativos para a Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro. Cauteloso, ele diz que a cidade precisa fazer os investimentos necessários, de forma disciplinada e eficaz, para aproveitar a chance de projetar-se mundialmente. Casado e pai de três filhos, ele concedeu, numa de suas recentes visitas ao Rio, a seguinte entrevista a VEJA.

O TAMANHO DO EMPURRÃO

Historicamente, a Olimpíada tem tido o papel essencial de exercer pressão sobre os governantes, que passam a enfrentar com mais objetividade e disciplina os problemas de sua cidade. Na iminência dos Jogos, com um cronograma a cumprir e mais dinheiro para investir, eles costumam promover melhorias que havia muito tempo adiam. Quando o país-sede consegue tirar proveito de conjuntura tão favorável, os benefícios podem ser inúmeros e decisivos para o desenvolvimento local, antes e depois dos Jogos. A experiência internacional mostra, afinal, que é possível recuperar até três décadas de atraso com cinco ou seis anos de investimentos maciços — desde que eles sejam feitos de forma organizada e, sobretudo, eficiente.

OSCAR CABRAL

UM EXEMPLO PARA O RIO

Considero a Olimpíada de Barcelona um caso exemplar em que o Rio de Janeiro deveria mirar-se. Digo isso porque o estágio atual do Rio é de certo modo, semelhante ao da cidade espanhola à época dos Jogos de 1992 — principalmente no que tange às deficiências básicas de infraestrutura. Para se ter uma ideia, até os Jogos, não se viam em Barcelona grandes investimentos fazia décadas. Como no Rio, ali a indústria turística apenas engatinhava e o sistema de transportes faria, pasme-se, o metrô carioca parecer moderno. Os espanhóis conseguiram tirar vantagem da enorme exposição mundial propiciada pelo evento e transformaram a cidade numa das mais vigorosas da Europa. A fórmula deveria ser copiada, à risca, pelos cariocas: o dinheiro lá chegou onde devia. Gosto de atentar para o fato de que os investimentos foram canalizados não só para as áreas mais ricas, mas também para aquelas regiões mais abandonadas e pobres de Barcelona, onde se construiu parte das instalações olímpicas. Sei que revitalizar lugares esquecidos pelo poder público é uma intenção do: Rio — tomara que seja levada adiante.



JUAN PÉREZ / L'ESPRESSO / CORBIS / LATINSTOCK

UMA MUDANÇA DE IMAGEM

As Olimpíadas têm proporcionado uma visão mais realista e menos caricata acerca das cidades que as sediam — o que é evidentemente bom para o Rio de Janeiro. Um evento como esse não só expõe como tende a valorizar a cidade-sede no cenário internacional. Cabe aí um paralelo entre Rio e Sydney, que abrigou os Jogos de 2000. Ambas contam com o que chamo de fator "beleza natural". A cidade australiana explorou isso de forma bastante pragmática, ao fincar suas instalações olímpicas em locais estrategicamente deslumbrantes. A paisagem sob aqueles holofotes, hoje se sabe, foi determinante para valorizá-la aos olhos de gente do

mundo inteiro e para alavancar a indústria turística em todo o país — um legado e tanto. Torço para que o Rio consiga feito parecido.

O LADO QUE PREOCUPA

Se os Jogos são capazes de impulsionar uma cidade, e até a economia de um país, eles também podem amplificar os problemas, que passam a ficar expostos e a ser exibidos mundialmente. Nesse caso, qualquer escorregão pode ganhar dimensões globais com efeitos devastadores, espantando turistas e eventuais investidores. O Brasil não tem escolha agora senão esmerar-

Não acredito, porém, que a criminalidade carioca vá provocar um impacto negativo mais duradouro. Não que o problema seja desprezível para a cidade, ao contrário, mas do ponto de vista olímpico a experiência mostra que, durante a competição, dá para contorná-lo reforçando intensamente o policiamento. Espera-se que isso não seja sequer necessário, dependendo da condução do governo brasileiro na área da segurança, que parece acertada. Em lugares como Londres, com histórico de ataques terroristas, o desafio é certamente mais complexo. Apenas um dia após ser eleita sede dos Jogos de 2012, a cidade foi palco de um atentado no metrô que deixou 56 mortos e 700 feridos. Nessa área, Londres me preocupa mais do que o Rio.

QUANDO OS JOGOS VIRAM NEGÓCIO

A marca olímpica é tão poderosa porque nenhuma outra consegue associar-se com tanta eficácia a ideais, digamos, elevados, tais como superação, mérito e excelência. Vale mais atrelar a imagem a uma Olimpíada do que a qualquer celebridade internacional ou time de futebol. No passado recente, a história era diferente. Sob a sombra

da Guerra Fria e com os constantes boicotes à competição, a marca dos Jogos não tinha quase valor. Começou a mudar em 1984, em Los Angeles, com um marco: foi aí que a principal fonte de financiamento da Olimpíada deixou de ser o governo para se tornar a iniciativa privada. Para contrariedade de uma turma que até hoje demonstra certa resistência a conciliar os ideais olímpicos com interesses comerciais, a competição passou a contar com o básico em qualquer negócio — um plano para atrair investidores. Longe das mãos de governos e cada vez menos suscetíveis a ingerências políticas, os Jogos não só trazem mais benefícios a quem os sedia como eles próprios vão se aprimorando como um grande espetáculo.

UM EXEMPLO A COPIAR

Barcelona: os Jogos transformaram a cidade

se em sanar seus gargalos de infraestrutura. Refiro-me à saturação de aeroportos, às más condições nas estradas e às precárias instalações para a organização de convenções, só para citar alguns exemplos. Outra questão premente é a da segurança pública.

UM PRESSUPOSTO PARA OS JOGOS

A recente onda de ataques de bandidos à população do Rio de Janeiro obviamente chama a atenção de todos os envolvidos na Olimpíada de 2016. A garantia de segurança é pré-requisito número 1, afinal, para o sucesso dos Jogos.